

Ciência, ficção, farmacologia e gênero: tecnologias *drag* e trans a partir do trabalho artístico de Valentim Dias¹

Francisco J. Borges Xavier de Gouveia (USP/SP)

Resumo:

A presente proposta de trabalho busca refletir e acompanhar, de forma colaborativa, o processo criativo do artista visual, transmasculino não-binário e *drag king* Valentim Dias (Don Valentim) na produção de um trabalho artístico que expõe sua composição artística e corporal como *drag* e pessoa trans. Neste trabalho artístico, ainda sem nome e em construção, o artista propõe, em suas palavras, “experimentação com diversos materiais, explorando tecnologias *drag* e trans” para pensar sua própria trajetória artística. Os materiais que o artista utiliza provocam uma relação entre ciência, ficção, corpo, tecnologias farmacológicas, arte e tecnologia *drag*. Uma cabeça de isopor (utilizada para perucas) revestida de fitas tape (utilizadas por pessoas trans para reduzir volumes dos seios), com alfinetes, pedrarias, bandejas, vidros, exploram objetos que emulam experimentações laboratoriais e científicas, com experimentações *drag* e trans. Nesse processo, Valentim Dias pensa o artista como o cientista, explorando suas criaturas *drags*, seu corpo, e a própria ciência como ficção e produtora de tecnologias corporais. Assim, conectando com a proposta deste grupo de trabalho, esta apresentação propõe pensar a produção de conhecimento em diálogo com outras formas expressivas, neste caso, uma exposição artística. Desse modo, proponho refletir as relações entre ciência, ficção, farmacologia e gênero a partir do diálogo da produção artística em questão com o que Paul Preciado chamou, em *Testo Junkie*, de “processo biodrag” característico do regime farmacopornográfico para se referir à ficções somáticas (como pílula anticoncepcional) de feminilidade e masculinidade. Nesse sentido, exploro, impulsionado pelo processo artístico de Valentim Dias, a relação entre ciência e ficção a partir da categoria *drag*.

Palavras-chave: drag;biotecnologias; gênero

Tomei minha primeira dose de testosterona injetável no dia 17 novembro de 2022, na receita médica constava o código F064 da CID-10. No mesmo dia, há exatos 99 anos (1923), Sigmund Freud realizou uma cirurgia de vasectomia, com o pesquisador hormonal Eugen Steinach, e assim se torna o “primeiro transexual homem para homem europeu”, como disse ironicamente Preciado (2018:375-6). A molécula de testosterona não havia sido isolada, o que Freud buscava, conforme apontavam os experimentos de Steinach, era rejuvenescimento, potência sexual e melhorar sua capacidade de trabalho. Era o discurso sobre a longevidade, vitalidade e combate a fadiga que impulsionou as pesquisas dos chamados hormônios sexuais. (Rubin, H. 2003; Preciado, 2018). Há uma

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024).

rede tecno-bio-histórica de exploração animal, experimentos em populações racializadas do sul global que acompanha a história do isolamento das moléculas dos hormônios sexuais. Com ela, o desenvolvimento do dimorfismo sexual, a teoria psicanalítica e a família heterossexual que a subentende: os invertidos sexuais são alteridades marcadas com diagnósticos, frutos de alguma configuração no jogo do desejo papai- mãe, falo, castração. A vasectomia de Freud não expõe a matriz heterossexual, ela se mantém invisível. A CID que me permite injetar testosterona no serviço público é demarcada. Apesar da identidade invisível e universal que se pretende a teoria psicanalítica (Preciado, 2022), meu corpo e o de Freud, são bioficções. Se nos prestássemos mais às práticas coletivas do dispositivo *drag king*, essa seria uma paródia evidente.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre o dispositivo *drag king*, a noção de *biodrag*, a ideia de autointoxicação e o princípio da autocobaia, desenvolvidas no livro *Testo Junkie* (2018) por Paul Preciado, em interação com as obras e esculturas fabricadas pelo artista *drag king*, transmasculino não-binário, Valentim Dias. Em função desse objetivo principal é preciso discorrer um pouco sobre as noções de gênero/sexo, das relações e sentidos que essas noções juntas ou separadas adquirem na economia epistemológica dos binarismos natureza/cultura, matéria/significado, mente/corpo.

gênero e sexo

A categoria gênero, no interior do pensamento feminista da maneira como é articulada contemporaneamente, ganha seus primeiros contornos no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX, conforme apontou Joan Scott ([1989] 1995). O que é um marco nesses estudos é a caracterização do gênero como termo que se refere às relações sociais entre os “sexos”, que indica a ideia de “construção social” a respeito dos significados de diferença e desigualdades que eram produzidos entre os “sexos”. Essas diferenças eram portanto de origem social, não biológica. Essa foi uma das principais transformações produzidas pelo pensamento feminista (que tem implicações diferentes se demarcamos suas articulações nas feministas brancas europeias e norte-americanas ou no pensamento feminista das mulheres negras e/ou racializadas nos diversos contextos e localizações). Nesse período, voltando a Scott, o gênero como categoria continuava irrelevante nos estudos sobre economia e poder. A autora trata de três principais

abordagens da categoria gênero: a) as teóricas do patriarcado e suas origens; b) a tradição marxista e c) o estudos pós-estruturalista que inspiram-se na psicanálise.

Em resumo, as teóricas do patriarcado reificam o sistema de gênero, isolando-o do sistema social, além de fixar suas explicações na reprodução em uma diferença física e imutável. Essa análise acaba por destituir o gênero de sua historicidade, diz Scott. As feministas inglesas e americanas do marxismo enfrentam um problema inverso das teóricas do patriarcado, colocam o gênero como um subproduto das estruturas econômicas, o que retira seu estatuto analítico específico (nas teóricas do patriarcado só há gênero sem história, na abordagem marxista só há história sem gênero). Nos estudos articulados com a teoria psicanalítica, reiteram as categorias ‘homem’ e ‘mulher’ como construções subjetivas, mas tendem a universalizar a relação ‘masculino’ e ‘feminino’, conferindo uma dimensão fixa e eterna desse binarismo, sem espaço para historicizar sua aparente naturalização. Scott propõe a definição de gênero como "um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos" (Scott, 1995: 21). E reitera a importância de articulá-lo como constituinte das relações de poder, nas teorias políticas e formação dos Estados.

É preciso notar que apesar de demonstrar os limites da categoria ‘gênero’ e sua tendência a universalizar certos processos em algumas abordagens, Scott pouco fala sobre as relações entre gênero e raça nos exemplos que propõe como análise das relações de poder, embora se refira a categoria raça, esta aparece de modo ainda isolado. Outro aspecto desse texto, é que a definição de gênero produz seu contorno a partir da categoria sexo, que não é mencionada como categoria que pode ser historicizada. Thomas Laqueur (2001) [1992] dá a entender que o “percebidas” é um termo importante na definição de Scott, que dá uma abertura para pensar a produção da categoria “sexo”.

Em sua articulação de certo modo culturalista, a categoria gênero permanece como um ‘atributo’ que englobaria um ‘sujeito totalizante’ do feminismo sob o signo de ‘mulheres’. Em *Problemas de gênero* ([1990] 2016), Butler se dedica a questionar a ideia de sujeito subjacente às políticas de identidade, ou seja a reprodução de que há um sujeito universal, oriundo de uma Filosofia do Direito que certo feminismo humanista absorveu sem crítica: “em outras palavras, a insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’” (Butler, 2016:39). Para Butler, as coalizações estratégicas devem deixar suas contradições intactas, não obliterá-las em favor de um sujeito estanque, sob a ideia de é preciso produzir uma unidade para

articular uma ação política: “Mas há uma forma política das ‘mulheres’, por assim dizer, que preceda e prefigure a elaboração política de seus interesses e do ponto de vista epistemológico?” (Butler, 2016:223). Nem é preciso aludir que essa forma política pretensamente universal é constituída em exclusão de sujeitos ainda por serem ‘salvos’, atualizando práticas coloniais, como demonstrou Lila Abu-Lughod (2012) na relação de um certo discurso feminista euro-americano sobre as mulheres mulçumanas.

corpo e sexo

Bem, se a noção de gênero como categoria analítica e social já questiona a ideia de “mulher” como atributo universal, apontando os sentidos e contextos em que os papéis de gênero são articulados de modos distintos, a ideia de sexo subjacente permanecia intocada como a natureza. Gênero designa um artifício que gere de formas diversas um fato tido como óbvio da diferença sexual binária (Moore, 1997). Esse corpo pré-discursivo à espera da inscrição cultural que lhe dará sentido, ora é esquecido como fonte de escrutínio na análise, ora é uma fonte para “localizar uma natureza sexuada antes da lei [masculino/pai]” (Butler, 2016:75-76), que acaba por se colocar em busca de uma feminilidade externa à cultura (cf. Butler, 2016:164).

Butler e Laqueur publicam respectivamente em 1990 e 1992, ambos estudos aludem, por caminhos distintos, para o fato de que o sexo – o corpo sexuado – também é constituído histórico e culturalmente sob a aparência de uma substância. Em *Inventando o sexo*, um dos principais objetivos de Laqueur é fazer uma investigação histórica da emergência da diferença sexual, e a natureza dessa diferença sexual: “Este livro versa sobre a criação não do gênero, mas do sexo” (...) quase tudo que se queira dizer sobre sexo já contém em si uma reivindicação sobre o gênero (Laqueur, 2021: 23). A principal demonstração de Laqueur é que na Antiguidade até a renascimento, prevalecia, sob algumas variações a ideia de que havia apenas um sexo – a mulher e os seus órgãos genitais e reprodutivos era a estrutura invertida dos órgãos dos homens, o médico e filósofo Galeno é uma de suas fontes historiográficas. Nessas teorias, o que determinava o desenvolvimento do pênis externo era o maior calor no corpo do homem, e a falta de calor nas mulheres guardava essa estrutura de modo interno, somente em 1759 o esqueleto feminino aparece nos livros de anatomia. Portanto, era uma concepção intensamente hierarquizada, onde o homem era o modelo único. A mudança do modelo do sexo único para o modelo dos dois sexos não ocorre em relação a uma descoberta científica, e o

modelo do isomorfismo galênico não deixa de ser articulado totalmente depois da emergência do dimorfismo no século XVIII.

Assim, Butler e Laqueur articulam uma “genealogia da ontologia do gênero” (Butler, 2016: 69), enfatizam, mais Laqueur do que Butler, aquilo que Henrieta Moore resumiu enquanto categoria “Sexo”: “práticas discursivas que dão sentido às partes do corpo em sua relação com substância e processos fisiológicos” (Moore, 1997:819), e não há como abordar o corpo fora dessas práticas discursivas. Butler evoca a crítica de Nietzsche à metafísica da substância – “é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em Genealogia da Moral, de que ‘não há ser por traz do fazer, do realizar e do tornar-se; o fazedor é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo’ (...) [do mesmo modo] “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados” p. (Butler, 2016: 56)

O sexo e o corpo, portanto, ganham um outro estatuto com esses estudos. Butler, em relação a Simone de Beauvoir disse: há muitas ocasiões em que o corpo é representado como uma facticidade muda, antecipadora de algum significado que só pode ser atribuído por uma consciência transcendental, compreendida, em termos cartesianos, como radicalmente imaterial” (Butler, 2016: 224. Laqueur explicita as tensões do pensamento feminista e de sua pesquisa na oposição entre linguagem e realidade extralinguística, natureza e cultura, sexo biológico e diferença social. Essas alternativas precárias não ganham resolução em sua análise, mas são explícitas de saída no capítulo *Da linguagem e da carne*, cujo o título já carrega essa problemática. Seria o corpo sempre uma mera representação, um “ver-como”, e nunca visto? Mas algumas observações de Laqueur chamam a atenção quanto ao estatuto do corpo na análise: por exemplo, comentando o trabalho de Gayle Rubin ele solta: “a presença do corpo é tão velada que chega a ficar quase oculta” (Laqueur, 2001: 23).

No entanto, como o ele mesmo explicitou, sua análise opera no espaço *entre* o corpo e suas representações. Em alguns momentos essa tensão é obliterada e o dualismo matéria vs significado é reiterado em frases explicativas como: o sexo é sociológico e não ontológico. Não seriam essas formulações um modo de velar o corpo? Nesse aspecto, parece que a sua confissão no início do livro faz sentido: “confesso que me entristeço com a omissão mais óbvia e persistente neste livro: um discurso sistemático da experiência do corpo” (Laqueur, 2001: 34).

Oyèrónké Oyèwùmí faz um apontamento sobre centralidade do corpo no ocidente na compreensão de gênero, mesmo com as hermenêutica das ciências sociais. De fato, o corpo sempre esteve presente na análise de grupos sociais que eram ‘objetos’ de estudo (as populações nativas da América, as populações escravizadas e todos os ‘Outros’ produzidos nas ciências humanas) – aqui o corpo é colocado em oposição ao racional, sem capacidade de simbolizar. O que quero dá ênfase à *experiência* do corpo dentro de um contexto designado por “regime farmacopornográfico”, entendendo a obliteração dessa experiência do corpo em função de uma concepção culturalista simplista de gênero.

A meu ver, a experiência do corpo mais intensa no livro de Laqueur é a rápida descrição de quando ele via seu pai, um patologista, *montando* um espécime cirúrgico com cera e pedaços de órgãos para serem lidos no microscópio. É precisamente essa dimensão da experiência com o corpo que quero enfatizar neste trabalho. É essa *montação*, que o sentido *drag* vai nos ajudar a explorar, que é própria da experiência científica, da indústria farmacêutica e da indústria estética que compõe a experiência corporal no regime que Preciado designou como farmacopornográfico. As tecnologias, as próteses, as pílulas, os hormônios sintéticos irrompem de vez com monotonia das oposições mente / corpo, discurso / pré-discursivo, linguagem / carne.

biodrag e performatividade na biotecnologia

Se para Butler o gênero é uma prática discursiva e corporal e não uma essência ou psique ontológica, é preciso levar mais fundo a ideia de performatividade, leva-la “mais fundo no corpo” (Preciado, 2018:121). Em Preciado, Butler encontra Haraway, a performatividade incorpora a dimensão *semiótico-técnica* e deve considerar órgãos, fluidos, células, cromossomos e genes. A noção de *biodrag* postula exatamente essa intensidade da dimensão performativa. Ela opera no sentido de uma “racionalização do ser vivo”, ela significa precisamente o ato de imitar um processo fisiológico: a Pílula anticoncepcional é o paradigma *biodrag* que aparece em *Testo Junkie*.

A primeira versão da Pílula, em 1956, suprimia os períodos menstruais totalmente, o que levou a FDA a rejeitar esta versão, pois a feminilidade das mulheres norte-americanas seria posta à prova. Na segunda versão, em 1959, a Pílula induz um sangramento “que a criava a ilusão de estar acontecendo um ciclo natural e, de alguma forma ‘simulando um ciclo fisiológico normal’” (Preciado, 2018: 204). Em termos simples, essa é a operação *biodrag* que denota uma imitação técnica de um processo

fisiológico, mas além disso denota uma corporalidade com as biotecnologias, e não pode ser reduzido ao entendimento do artificial imitando o natural, mas conduz a dimensão técnica de toda naturalidade.

Demarcar a era farmacopornográfica é o principal objetivo de Paul Preciado no livro *Testo Junkie*. Ele faz isso enquanto narra sua autointoxicação de testosterona nos capítulos ímpares do livro. Há uma metamorfose na sociedade ocidental (especificaria euro-americana) delimitada na virada para o taylorismo, com indústria bioquímica e eletrônica, que são suporte do capitalismo industrial. Preciado faz uma cartografia das mudanças na produção industrial, tendo como guia dessa cartografia a administração do corpo, do gênero e da sexualidade— o que ele denomina então de análise somatopolítica da economia. O autor está o tempo todo em diálogo com Foucault sobre o governo do ser vivo (biopolítica). A gestão do sexo, do gênero e da sexualidade será levada através das biotecnologias a partir de 1930 e revela em sua intensidade nos anos 70. Em suma, o regime farmacopornográfico “se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos” (Preciado, 2028:36).

Preciado, a partir da emergência da endocrinologia, formula o argumento acerca de uma nova produção de poder e subjetivação, distinta dos mecanismos do poder *disciplinar*, caracterizada por Foucault em *História da Sexualidade I* e outras obras. Para Preciado, há uma negligência na análise foucaultiana das várias tecnologias que se inscrevem no corpo, próteses de várias ordens: “Celulose, poliamida, poliéster, acrílico, propileno, spandex etc., todos esses materiais passaram a ser utilizados igualmente no corpo e na arquitetura” (Preciado, 2018:35), além de todo o aparato da telecomunicação e as biotecnologias das indústrias farmacêuticas. Nesse cenário, dispositivo de subjetivação específico caracterizado a partir da teoria hormonal e da teoria da telecomunicação. “Na sociedade disciplinar as tecnologias de subjetivação controlavam o corpo a partir do exterior como um aparato ortoarquitectónico, mas na sociedade farmacopornográfica as tecnologias se tornam parte do corpo: diluem-se nele, tornando-se somatécnicas” (Preciado, 2018: 85). O poder penetra nas moléculas, no sistema imunológico, nos neurotransmissores através das próteses, do Prozac, da Pílula, da testosterona.

Se a subjetivação se dar no interior do regime farmacopornográfico, como resistir a ele? Não é aludindo a uma recusa das tecnologias por uma suposta naturalidade do corpo. Mas antes se reapropriando dos biocódigos de gênero, a prática é hackear,

distribuir, aderir a autoexperimentação de hormônios e outras práticas protéticas com a intenção de fissurar os regimes de diferenciação sexual e retomar o controle na distribuição desigual dessas biotecnologias. Colocar seu corpo no balaio dessas próteses, se experimentar, compor, ou melhor “montar”: as práticas *drag* e as tecnologias trans de Valentim Dias e de uma multidão estão prontas para fazer a paródia debochada do discurso biomédico hegemônico, e fazer especialista e cobaia de si mesmo, comunicando a sua experiência corporal através de peças a serem ainda expostas para residência artística.

As obras de Valentim Dias são composições materiais, reciclagem que emulam fluidos, peles-polímeros, experimentos químicos, experimentos estéticos com códigos e biocódigos de gênero. É a primeira vez que mescla essas linguagens – *drag* e das artes plásticas – mas é sobretudo a transposição de “montação” sobre a esses modos de experimentação corporal: a autocobaia trans e o dispositivo *drag king*. Sua persona *drag* (Don Valentim - @valentim_don) brinca com signos da masculinidade e também experimenta performances com símbolos não-humanos como robô, lobo do shrek e o boto-cor-de-rosa, que também articulam elementos de gênero. Valentim Dias/Don Valentim é um *drag king* de São Paulo, uma pessoa branca, transmasculino não-binário. A monstruosidade e o deboche são suas principais ferramentas.

A pretensão de denominar como etnográficas a descrição dessas experiências corporais, envolvidas por uma amizade de alguns poucos anos, é aqui incerta. O certo é que tudo isso passou por uma experiência *drag king* que eu tive sob o apadrinhamento de Don Valentim, batizado e montado por ele de Januário, e partir daí, como li muito depois em Preciado, o vírus *drag king*, como experiência coletiva, instalou uma suspeita de gênero que penetra o resto da vida.

As práticas científicas na busca pela imortalidade e aperfeiçoamento desenvolveram as técnicas cirúrgicas e hormonais por meio das quais ocorre a gestão de corpos trans. A medicina, como Vitor Frankenstein criam (ou pensam que criam) o monstro. "(...) nós transexuais somos algo mais, e algo diferente do que as criaturas que nossos criadores pretendiam que fossemos" (Striker, 2021: 49-50). O envolvimento com as técnicas médicas e sua pretensa naturalização técnica dos corpos, torna esse envolvimento monstruoso às próprias técnicas. Depois da fúria de Susan Strike (2021), Valentim leva a segunda onda de sátiras para Victor Frankenstein.

Deboches bio-drag-king de tecnogêneros

Eu quis criar o dimorfismo sexual tecnologicamente, disse Valentim quando perguntei sobre a peça ‘cabeça n° 2’ (Fig 1). Eu respondi rindo: *biodrag!* A *construção técnica da diferença sexual* é uma produção do regime farmacopornográfico. Essa possibilidade é produto da noção de ‘gênero’, que antes de ser uma categoria dos estudos feministas, é um produto da era farmacopornográfica, como lembra Preciado.



Figura 1 "cabeça n° 2". A autoria artística: Valentim Dias

em no final dos anos 50 por John Money, junto de Anke Ehrhardt e Joan e John Hampson, a categoria era usada para modificar corpos de bebês intersexuais: “às rígidas classificações sexuais do século XIX, John Money opôs a melabilidade do gênero utilizando técnicas bioquímicas e sociais” (Preciado, 2018)O modelo *naturalista* do dimorfismo do século XIX caminhava com o modelo biotecnológico *hiperconstrutivista*. O feminismo branco norte-americano ignorou as raízes biotécnicas da noção de gênero e deu de ombros para as intervenções nos corpos de pessoas intersexo. O regime disciplinar foucaultiano, da diferença sexual natural e

transcendental se enlaça com o regime farmacopornográfico, onde o sexo é sintético, maleável, aberto. Aqui está todo horror e exaltação. A possibilidade da construção técnica da diferença sexual leva a natureza a uma *paródia somática*, disse Preciado.

O pavão macho é conhecido pela coloração forte de suas penas, em contraposição a coloração mais neutra da fêmea. “*Eu peguei uma pena, que não dá pra saber se é uma pena específica de macho ou fêmea, é só uma pena de uma asa, e daí pra fazer um pena de macho de cauda, que é aquela pena do olho, famosa pena do olho do pavão, daí eu fiz, eu criei esse olho e pus uma pena*” (Valentim Dias). Eu pensei comigo: caramba, ele está fazendo uma performance *drag* do John Money, uma sátira debochada deste operador estatal do tecnogênero.

Aqui se constitui uma outra experiência da junção do princípio de *autocobaia* com o dispositivo *drag king*, que é expor, com a precariedade irônica do luxo, do deboche, do inacabado, os usos dos biocódigos. É expor tecnicamente como a técnica elabora a natureza. Como pessoa trans e *drag*, esses biocódigos são montados a partir de sua experiência corporal, com peças Valentim que tem em casa: a cabeça de isopor para peruca, os colares dourados, que remetem a esse luxo precário da montagem, a seringa como dispositivo de aplicação de testosterona e de mudança da ontologia endocrinológica do corpo. As penas também podem remeter para utilização dos testes feitos em aves no isolamento dos hormônios sexuais.

A cabeça de isopor está coberta com fitas adesivas, usadas como *tape* por pessoas transmasculinas para diminuir o volume dos seios. Essa fita específica eu e Valentim compramos em sites de e-commerce como fitas *up*, usadas por mulheres cis para dar forma aos seios e aumenta-los. Assim como a criação da coloração da pena, a fita é um dispositivo de gênero: *up* e *tape* são usos de um mesmo material, mas no mercado se transformam em *atributos* das fitas, pois se você fizer uma busca por fita *tape*, será levado para uma plataforma específica e outros signos de gênero, diversa da busca pelo termo fita *up*. *Up* e *tape* são tecnologias de gênero.

Os biocódigos de gênero circulam de maneiras desiguais, são controlados, produzidos e distribuídos de modos distintos. A testosterona que circula nos meios esportivos e nas academias de musculação circula sob poderes médico-jurídicos distintos para pessoas trans. O acesso normativo prevê a incorporação de uma CID (Classificação Internacional de

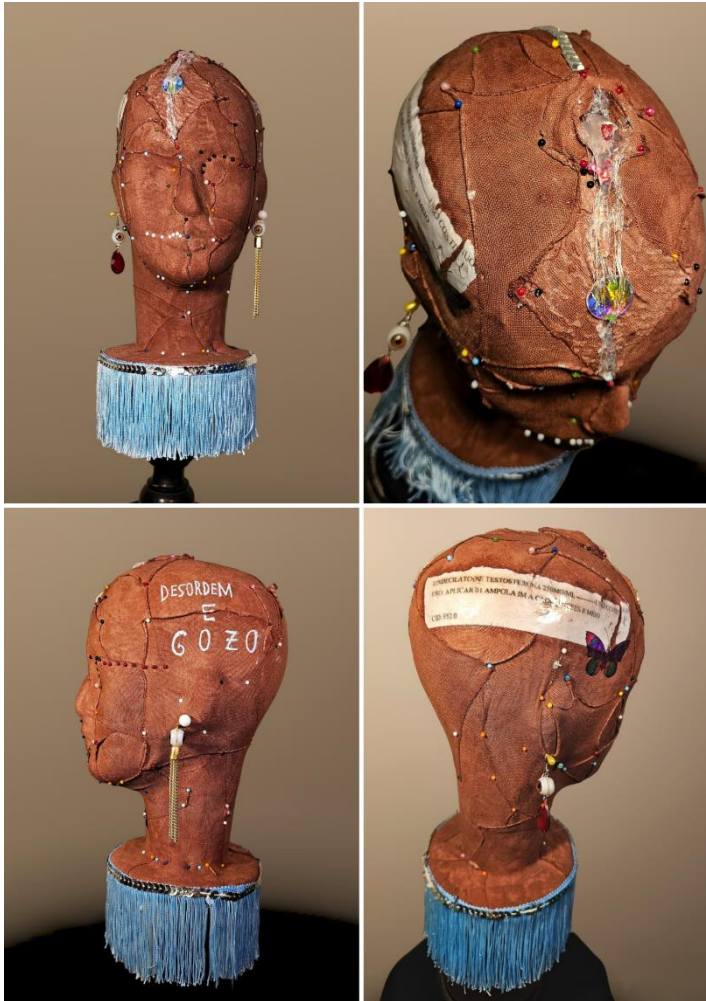


Figura 2 - "cabeça nº 1". Autoria artística: Valentim Dias

Doenças), que na versão 11 em 2018, retira o termo “transexualismo” (Cf. CID-10 F64.0) do capítulo sobre “Transtornos mentais” e insere no capítulo sobre “Condições relacionadas à Saúde Sexual”, definido como “Incongruência de gênero” (Cf. CID-11 HA60). A história do isolamento das moléculas sintéticas dos hormônios, da progesterona da Pílula à testosterona, é marcada por uma rede de poder das grandes indústrias farmacêuticas, a exploração animal e humana engendrada por práticas coloniais. Em 1940 o estrogênio e a progesterona foram inventadas e passam a ser as moléculas mais usadas na história da medicina.

Preciado analisa a história da concepção das embalagens da Pílula com um desenho de um calendário de auxílio como um *‘panóptico ingerível’* (Preciado, 2018: 217) - daí a ideia de incorporação das técnicas de controle, que diferencia o regime farmacoponográfico.

As moléculas dos hormônios passa pela extração de gônadas – ovários e testículos- de baleias nos matadouros e das pessoas que recebiam pena de morte. Os testes clínicos são produzidos em cenários coloniais (Porto Rico foi principal espaço de teste da Pílula), penitenciárias e instituições psiquiátricas. Esse tráfico de materiais biológicos nos matadouros e prisões, com as indústrias farmacêuticas pesquisadores e ginecologistas, produzem a rede de controle e distribuição na escala global e local, considerando marcadores de raça, classe e gênero.

A ‘cabeça nº 1’ (Fig. 2) de Valentim Dias, também coberta com fitas de *‘aquendar tetas’*, suspensa num suporte de madeira de móveis antigos, brincos com olhos e pedrarias, acabamento de lantejoulas com fios, lembrando ombreiras, parece seguir o mesmo contraste entre a base da cabeça remetendo ao uso irônico e fino da indústria estética, e a cobertura e

superfície remetendo à indústria farmacêutica e o sistema médico-jurídico, com um pedaço de sua receita de testosterona escrito: “undicelato de testosterona 250MG/ML - uso contínuo. Uso: aplicar uma ampola a cada 2 meses e meio”. Um fato curioso é que a CID utilizada nessa receita não foi a CID-10 F64.0 ou CID-11 HA60, mas CID F52.0, classificado como “Falta ou perda de desejo sexual”. Nós rimos, porque a peça adquiriu um outro nível de *deboche*. Aparentemente esta CID é usada em diagnóstico de “frigidez” / falta de libido (Cf. <https://icd.who.int/browse10/2016/en#/F52.0>), geralmente associada às mulheres *cis*. Nunca saberemos a motivação endocrinológica dessa receita no momento da consulta de Valentim. O que esta CID mostra ao ser colocada aí é que ela é um vetor de circulação de testosterona sem especificação de gênero em sua definição, o que pressupõe uma cisgeneridade (que é o sujeito sempre oculto). Ou seja, ela revela os processos técnicos da produção de gênero nos corpos, é explícito o mecanismo de tecnôgênero. É uma cabeça com fitas *up* e diagnóstico de “frigidez”? É a cabeça com fitas *tape* de um diagnosticado com “disforia de gênero”? São as tecnologias de processos de subjetivação. Em meio a elas, goze e desordene os códigos.



Figura 3 - "bolsa". Autoria artística: Valentim Dias.

Faça uso consciente dos biocódigos, distribua, redistribua eles. (Cf. Preciado, 2018: 137 – sobre uso consciente dos biocódigos).

Na investigação histórica sobre os processos de diferenciação sexual (dimorfismo), Laqueur (2001) nos mostra que havia uma outra compreensão na antiguidade e na renascença acerca da economia dos fluidos externos (lactação, menstruação, esperma, sangue, gordura, suor). O sangue era um nutriente comum, que era liberado como excesso na menstruação, ou era embranquecido para se transformar em leite (alimento/nutriente) nos seios, por isso cessa a menstruação na gravidez (como um redistribuição de alimento – sangue – que será embranquecido), demonstra Laqueur através dos textos de Isidoro de Sevilha e Aristóteles. Homens e mulheres que retêm sangue (alimento/nutriente) e formam gordura, são considerados “menos espermáticos”

(Cf. Laqueur, 2001: 53). Todos esses fluidos compartilhavam um mesmo princípio substancial (com a diferença reiterada em alguns casos de que o sêmen masculino era mais forte que a ejaculação feminina). A partir do século XVIII, com a constituição do dimorfismo sexual, ou seja o adormecimento do modelo do isomorfismo hierárquico (com diferenças de grau entre os gêneros) para uma *diferença radical de natureza* entre os sexos, (dimorfismo) esses fluidos terão naturezas separadas, o sêmen é “masculino”, a menstruação é do sexo “feminino”, a lactação é do sexo “feminino”.

A era farmacopornográfica desestabiliza a distribuição “natural” desses fluidos, começando pela Pílula e depois as tecnologias de inseminação artificial, que desvinculam menstruação e útero, ato sexual e reprodução. Esses fluidos circulam através da indústria farmacêutica, sob patentes e redes milionárias, mas sob um controle para manter estável o sistema naturalista no interior da produção biotécnica de gênero. A peça “bolsa” (Fig.3), tem uma base de vidro que parece ser de produto de cozinha, cheia de miçangas douradas. Por cima, está encaixado um recipiente de experimento laboratorial com um líquido branco endurecido, feito com cola quente, sendo injetado ou sugado por uma seringa com um fio de plástico vasado, que era uma alça de bolsa, por isso o nome da peça. A alça da bolsa e a cola quente na verdade forjam posteriormente a imagem do líquido branco, os elementos estéticos da maquinaria *drag* (cola quente e bolsa), montam um aparato farmacêutico: *Eu estou aplicando o processo criativo do drag em objetos* (Valentim Dias). Ele diz usar cola quente o



Figura 4 - Coquetel. Autoria artística: Valentim Dias

tempo todo em suas montações, e que nas peças, a cola expressa “porra” também. A bolsa *drag* carrega tecnologias de gênero, e o corpo trans injeta, guarda, tira, põe essas tecnologias. *Bouser* (bolsa), “pode significar tanto escroto quanto útero em inglês renascentista” (Laqueur, 2001: 90). A bolsa no sentido renascentista, que guarda diversos fluidos em mesmo espaço, reencontra a parafernália farmacopornográfica, onde esses fluidos circulam parcialmente apartado de seus órgãos no comércio-mercado, que aliás também resguarda o sentido de “bolsa” (bolsa de valores). A cola quente (Fig. 3) pode ser uma lactação induzida em uma mulher trans, ou uma mulher cis (lésbica ou não) não gestante, pode ser o leite de um homem trans grávido (ou não

gestante), pode ser uma esperma utilizado em uma inseminação caseira. Dentro da parafernália farmacopornô, brinque, deboche, faça “repetições subversivas” (Butler, 2016). *Eles são muitos mas não podem voar*- escreveu Valentim no outro lado da peça da cabeça. Faça uso irônico dos biocódigos, distribua e redistribua eles. Beba o “coquetel” (Fig.4 – contém mini *dildo* rosa, cola-líquido, peça representado olho, objeto que se assemelha a um caju). Coquetel “contrassexual” (Preciado, 2014).

A autoexperimentação era uma prática de pesquisa comum até o século XVIII, em que era preciso sentir os efeitos de um fármaco no próprio corpo como parte do teste. Samuel Hahnemann se administrava quinino em testes deste fármaco contra malária (Preciado, 2018: 368). Para ser médico é preciso ser cobaia, disse Peter Sloterdijk. *Eu sou o cientista e a cobaia – me debruçando sobre mim mesmo*, disse Valentim quando estávamos falando de suas peças. Como nas ilustrações dos livros de anatomia do século XVI, onde os corpos se dilaceram para mostrar as partes de suas estruturas internas (Cf. Laqueur, 2001), ser autocobaia é testar a os chamados hormônios sexuais e/ou outros biocódigos com a prerrogativa de tensionar uma inteligibilidade cultural de gênero² (Preciado, 2018; Butler, 2016). Uma outra prática corporal tensionadora: a experiência *drag king* como produção coletiva. A disseminação das oficinas *drag king*, a experimentação da cidade em bando de kings nos cafés, ônibus, espaços públicos: “uma vez que o vírus *drag king* foi ativado em cada participante a hermenêutica da suspeita de gênero vai além da oficina e se espalha pelo resto da vida diária causando modificações nas interações sociais” (Preciado, 2018:390).



Figura 5 - Performance drag "boto-cor-de-rosa" de Don Valentim (Valentim Dias).

Don Valentim, persona *drag king* de Valentim Dias, propõe uma outra prática corporal com performances *drag* a partir da transfiguração humano e não-humano, como a do boto-cor-de-rosa (Fig.5). A lenda do boto, comum nas populações ribeirinhas da Amazônia, fala da transformação do boto rosa dos rios em um rapaz elegante e sedutor que seduz e engravida mulheres na beira do

² “Gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2016:43). Ou seja, essa inteligibilidade funciona assim: vagina>mulher>penetração>heterossexual.

rio. Essa performance alude concepções de gênero que dialogam com as imagens populares de modo fantasioso. A circulação da lenda do boto pode remeter ao abandono paterno, gestações fora do casamento ou violências sexuais veladas. Mas também pode remeter às fronteiras humano não-humano, a relação com outros seres (o rio o boto), que levam a



Figura 6 - "boto-cor-de-rosa". Autoria artística: Valentim Dias

experiência corporal *drag* para outros limites. Humano e não-humano alude às biotecnologias: o corpo hipermusculoso do boto que está na performance como uma figura híbrida, nem como humano nem como boto, é como o corpo de Arnold Schwarzenegger depois da circulação de esteroides, testosterona, viagras e anabolizantes no mercado nos 1960: “O homem contemporâneo vive uma época tecnotesto” (Preciado, 2018: 186).

Ao replicar o processo criativo *drag* desta performance na forma de objeto visual, como peça e escultura, o boto-cor-de-rosa de Valentim (Fig. 6) aparece vestido em uma meia arrastão, com unhas pintadas, as mãos em pose sobre as pernas e pedrarias brilhosas ressaltando uma mastectomia feita por pessoas transmasculinas e/ou não-binárias (Fig. 7). É interessante a emulação das nadadeiras, remetendo à sua circulação aquática (em contraste com o boto da performance com tênis esportivos). O desentupidor de pia remete a um órgão, que pode ser sexual-erótico ou não, um *packer* ou um dildo, ou um “clitorizão grande” (Valentim), não importa, pois sua inteligibilidade de gênero está para ser experimentada, está a serviço do corpo animal-humano, e não dos signos de identidade. É uma experiência de desidentificação.

Valentim acopla seu sugador de clitóris rosa no boto, deixando a ponta pra fora. “*Enfiei esse sugador de clitóris dentro, fechei que nem um fuxiquinho e pus um olhinho na boquinha do sugador*” (Valentim). Faça uso criativo dos biocódigos somatopolíticos (sexuais e de gênero), distribua e redistribua eles.



Figura 7 - parte superior da peça "boto-cor-de-rosa" de Valentim Dias.



Figura 8 - Neovagina. Autoria artística: Valentim Dias

“Se virarmos [os órgãos genitais] da mulher para fora, e por assim dizer, virarmos para dentro e dobrarmos em dois os do homem, teremos a mesma coisa em ambos sob todos os aspectos” (Galeno de Pérgamo *apud* Laqueur, 2001:41). Como já dito, essa era a visão do modelo do sexo único, bem documenta nos textos do filósofo-médico Galeno (129 d.C. - 216 d.C), onde o corpo da mulher era tido como corpo inverso do homem, o modelo referencial.

Um dia, Valentim me falou sobre uma de suas primeiras peças, ele disse que pegou um *packer*³ seu, dobrou para dentro, inverteu a estrutura do avesso (uma vez que é uma estrutura vasada por dentro), contorceu de forma que ele não soube explicar até hoje, e formou uma vagina. Utilizou cola e finalizou com verniz, colocou um olhinho. Essa operação é como uma performance *drag* que satiriza desde os modelos do sexo único (Galeno) até toda a manipulação da produção técnica dos corpos sexuados no regime farmacopornográfico, que vai da Pílula, passando pelo Viagra, pelas cirurgias de diminuição dos lábios vaginais – ninfoplastia -, os anabolizantes, a cirurgias de intervenção em bebês intersexo. Todas elas gestadas em prol da reiteração do dimorfismo sexual e de gênero. Mas esses biocódigos são reapropriados para outros usos, como por exemplo a técnica de inversão do pênis para construir uma neovagina, que também inspirou Valentim nessa operação *drag* com o *packer*. As cirurgias de modificação dos órgão genitais em pessoas trans, chamadas na linguagem cafona *cis* de ‘mudança de sexo’ ou ‘redesignação



Figura 9 - "chá de revelação". Autoria artística: Valentim Dias

³ É uma estrutura de silicone peniana, em alguns modelos vasadas por dentro. Conhecida por esse nome entre pessoas transmasculinas. Packer não é exatamente um dildo, não é exatamente uma prótese peniana. Sua ontologia vai depender dos usos criativos.

sexual’, produzem no imaginário cisnormativo a ideia de um momento de grande revelação e encontro do sujeito ‘transexual’ consigo mesmo na realização dessas cirurgias. A ideia de revelação sexual é, com efeito, produto do imaginário cisheteronormativo, ritualizado pelo ‘chá de revelação’, por isso o nome da peça (Fig. 9) em sua segunda versão. Valentim diz:

“A minha ideia era fazer uma obra sobre o chá de revelação que mostrasse como esse rito cis, vamos dizer, ele vai totalmente de encontro ao que os cis falam que a “comunidade trans fica falando de genital, expondo genital, isso é afronta, que é depravação”, sendo que esse rito é totalmente sobre expor a genitália de um bebê. Daí eu coloquei ela dentro de um vidro porque aí fica uma vibe de exposição mesmo”

A mesma peça é articulada em duas composições distintas, que fazem parte da história da peça e suas interações com as experimentações do artista. Em primeiro momento a peça estava em um vidro, foi preenchida com cola e totalmente coberta. Para ser recuperada o vidro foi quebrado e peça envernizada mais uma vez. Assim chegou até a “neovagina” (Fig. 8), que tem um aspecto mais líquido, com fluidos e aparência mais densa, ela aparece quebrando uma estrutura de vidro. Em contraste, a mesma peça está pintada com uma crosta azul na parte de trás, está dentro de um vidro, parece mais inerte, o olho nítido pronto para ver a verdade do sexo (Fig. 9). A imagem e seus contornos produzem essa aparência inerte e aprisionada, como as peças de exposição de museus sem consentimento do sujeito, assim como está alheio o sujeito sobre si mesmo no “chá do revelação”. A “neovagina” da peça rompe com esse caráter exploratório do órgão inerte e passa a ser reapropriado pelo sujeito, que manipula e faz uso consciente, criativo, irônico e monstruoso dos biocódigos de gênero.

A tecnologia drag expõe a estrutura imitativa do próprio gênero, a paródia é sempre sobre a ideia de original e não da imitação do original, como diz Butler. Embora a autora parta de uma concepção muito demarcada do que é *drag* (como um corpo de um gênero performando artisticamente outro gênero), a desestabilização da ideia de original de modo consciente e debochado, parece ser a diferença entre as repetições subversivas e as repetições domesticadas, que autora estava a se questionar. Parte de uma crítica feminista das práticas *drag queen* como ridicularização do feminino (e algumas performances de fato reiteram uma misoginia) e a alegação de que as identidades lésbicas da butch/femme estariam reproduzindo uma relação heterossexual se dão também ao que parece pela falta de envolvimento nessas tecnologias. Mulheres também fazem *queen* (qualquer pessoa de qualquer gênero pode performar qualquer gênero). Há uma visão de literalidade e seriedade do gênero que conduzem o feminismo hegemônico a certas moralidades de conduta (Cf. Preciado, 2018: 389).

Em 1958, Agnes autoexperimentou o uso de hormônios a base de estrogênios que era de sua mãe, mudou sua ontologia endocrinológica, e foi até o um departamento de psiquiatria na Califórnia, onde lá estava Robert Stoller⁴. Lá foi diagnosticada pelo saber médico como intersexo (hermafrodita na época), podendo com esse diagnóstico entrar nos protocolos realizar a vaginoplastia em 1959. Agnes cartografou as possibilidades no interior do regime de poder, como apontou Preciado (2018). É preciso brincar, ter menos coragem, ser menos inteiro, quebrar para poder passar em certas brechas.

Referências:

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, p. 451-470, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FAUSTO-STERLING, Anne. The five sexes. *The sciences*, v. 33, n. 2, p. 20-24, 1993.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismo em duelo. *Cadernos Pagu*, n. 17-18, 2001.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MOORE, Henrieta. Understanding sex and gender. In: Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830 .

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais, 2021.

PRECIADO, Paul. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1, 2018.

PRECIADO, Paul.. *Eu sou o monstro que vos fala*. Trad. Carla Rodrigues. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

⁴ Importante lembrar que no final da década de 1950 e meados da década de 60, o que se entende por compreensão ‘cultural’ de gênero, seguindo a divisão sexo/gênero, estabelecia-se com o termo “identidade de gênero”, cunhado pelo psiquiatra Robert Stoller (Fausto-Sterling, 1993;2001)

PRECIADO, Paul.. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RUBIN, Henry. *Self-Made Men: Identity and Embodiment among Transsexual Men*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2003.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. *Educação & realidade*. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

STRYKER, Susan. Minhas palavras para Victor Frankenstein acima da aldeia de Chamonix: Performar a fúria transgênera. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 1, p. 42-64, 2021.